



ELOGIOS DA AMIZADE: UMA LEITURA DE MYRIAM FRAGA

PRAISE OF FRIENDSHIP: READING MYRIAM FRAGA

Cássia Lopes¹

Resumo: Este trabalho fará uma leitura do livro *Memórias de alegria* da escritora Myriam Fraga tendo como recorte temático a reflexão sobre a amizade na sua dimensão filosófica e política. Trata-se de colocar em cena a amizade na poética e na existência de Myriam Fraga, considerando fotografias, relatos de viagens, bilhetes e versos que abrem caminhos para que se faça uma análise sobre o tema da amizade e sua relação com a literatura e com o *philos* – amigo – imantado ao tema da linguagem e da construção da alteridade.

Palavras-chave: Literatura; Fotografia; Amizade; Filosofia; Poética.

Abstract: This study aims to read *Memórias de alegria*, by Myriam Fraga, with a focus on its reflection about friendship in its philosophical and political dimensions. It strives to put friendship into play in a lyrical scene and in Myriam Fraga's existence, considering photos, travel stories, notes and verses that pave the way to the analysis about the theme of friendship and its relation with literature and *philos* – friend – bonded to the theme of otherness' language and construction.

Keywords: Literature; Photography; Friendship; Philosophy; Lyric.

¹ Professora de Teoria da Literatura do ILUFBA. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura do Instituto de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia. Participante do grupo de pesquisa Dramatis/UFBA. Líder do grupo de pesquisa "A poética e a política do corpo". E-mail: cassia.c.lopes@hotmail.com.

“Reconheço que o convívio com Zélia e Jorge proporcionou-me uma experiência por demais importante para ser relatada nos estreitos limites deste livro marcado pelas circunstâncias” (MYRIAM, 2013. p. 10). Com essas palavras escritas no livro *Memórias de alegria*, a escritora Myriam Fraga não apenas confessa a importância do encontro afetivo com Zélia e Jorge Amado, mas nos coloca nos meandros dos circuitos de afetos que nos permitem pensar o valor filosófico e político da amizade na construção de uma vida literária e para a existência, enquanto entendemos o sujeito na sua rede discursiva e no entrelaçado de amigos. Destaca-se exatamente o instante fugidio em que alguém fala de si quando fala de outrem, ou fala de outro para si a fim de encontrar o lugar ausente, marcado pelo desejo de reviver o objeto literalmente *amado*, já inscrito na história dos sobrenomes dos amigos Zélia e Jorge.

A fotografia da capa do livro *Memórias de Alegria* nos situa na paisagem do Pelourinho, tão presente na poética de Myriam Fraga quanto nas páginas dos romances de Jorge Amado. Aqui já temos um primeiro signo para pensar a amizade: esta envolve tempo e espaço de convivência, com suas idas e vindas pelas horas e pelos campos de signos que acabam entrecruzando sonhos, produzindo diligências e capacidade de se intrigar consigo mesmo. A amizade, nesse caso, é um campo de força e de interesses, de sensibilidade para ser ampliada e defendida, com fronteiras a serem estreitadas e distendidas numa existência social em comum.

Vestido de um conjunto todo em um único tom, azul acinzentado, com um chapéu na mão direita e usando alpercatas, emerge o corpo de Jorge Amado e, ao seu lado, a imagem de Myriam Fraga, sorrindo; um caminhando ao lado do outro. No pano de fundo de cada figura jaz uma frase, um signo transparente e obscuro empregado na economia do desejo compartilhado.² O foco da cena recorta o caminhar, a ideia de que a amizade envolve o movimento, não apenas um *dasein*, um estar no mundo ao lado do outro, mas o caminhar ao lado do outro, o que imanta ao tema da amizade a ideia de deslocamento, certa coreografia dos corpos dos amigos que se permitem rir, dançar, viajar, pensar e escrever; enfim produzir um gesto de corpo. Há gestos que só realizamos com alguns amigos convidados a alcançar um salto, a

² Na fotografia, logo atrás de Myriam e de Jorge Amado, encontrava-se o escritor José Saramago, que estava em visita à Bahia, e vinha acompanhado de Zélia.

desprender-se do chão, a lançar-se em queda, com certo desempenho discursivo que envolve o corpo todo. Na fotografia recortada, Jorge Amado se segura no braço da amiga Myriam Fraga para subir a ladeira do Pelourinho e, nesse gesto, situa-se a aproximação de amigos, mas também um tecido de imaginários, um tipo de narrativa e de histórias compartilhadas durante anos de existência naquele local histórico e nas esquinas da Bahia. Há algo que Myriam Fraga pôde viver com os amigos Jorge e Zélia, um tipo de movimento singular que jamais poderia ser realizado com outras pessoas:

Devo a Zélia e a Jorge mais que momentos felizes, devo um aprendizado de vida que me autoriza a afirmar, contra todos os possíveis escrúpulos que – embora reconhecendo que minhas palavras são apenas uma gota de água, com gosto de lágrima, no estuário de homenagens que este ano se multiplicam – não poderia calar-me. (MYRIAM, 2013, p. 10)

Tanto a fotografia da capa do livro *Memórias de Alegria* como os testemunhos da escritora Myriam Fraga, presentes neste livro, possibilitam colocar em cena o elogio da amizade numa perspectiva filosófica. Há quem afirme que a estreiteza de relação entre amizade e filosofia já se realça no nome *philos*, no sentido etimológico do termo, e esta aproximação seria seu grande desafio: a filosofia não é uma prática para se viver entre amigos, embora não possa negligenciar a amizade. Para clarear esse mote, vale ressaltar o ensaio de Giorgio Agamben, em que traz a perspectiva crítica de Nietzsche quanto a esse tema. Segundo a abordagem nietzschiana, a amizade deve habitar a região de clandestinidade, como aquele que viaja ou se instala num lócus, mas se encontra sem o documento que o predique definitivamente ou construa uma identidade fechada. No jogo entre o apolíneo e o dionisíaco, o amigo nos possibilita o espelho onde nos miramos e nos reconhecemos enquanto entidade socialmente inscrita, ele nos dá uma forma no emaranhado de signos que nos agita, mas há o disforme da cena, do inconsciente que faz do amigo o outro de nós mesmos, aquele que nos lança sua face risonha e familiar na qual nos estranhamos e nos desenhamos em diferença.

No seu ensaio intitulado *Amigos*, Giorgio Agamben retoma o tema da amizade nesse jogo de alteridade, em que os amigos aparecem nos rastros dos bilhetes, das fotografias, das cartas trocadas, mas se as referências não são de autoridade sobre o sujeito, nascem como experiências de alteridade, a partir de instantes de prazer, de conflito, de sedução em que o campo de escuta, de leituras em comum, um estado ou situação afetiva, sempre inacabada, criam instâncias de discursos e palavras cuja força parece constituir a memória dos

dias. Nesse caso, podemos contar a história de alguém pelos seus caminhos trilhados com amigos, pela narrativa de suas amizades e suas rupturas: a exemplo de Nietzsche e Wagner; Samuel Beckett e James Joyce, Gustav Janouch e Kafka, no nosso caso específico desse ensaio, Myriam Fraga com o casal Zélia e Jorge Amado.

Mas nem sempre a amizade é o fio condutor do encontro de ideias, mas se ergue como obstáculo. É o que ressalta o relato de Giorgio Agamben que resolveu trocar cartas sobre o tema da amizade com o amigo Jean Luc Nancy numa tentativa de se aproximar de um assunto que merecia um olhar analítico, e que, daquela forma epistolar, parecia ser a melhor maneira de trazer o conteúdo à baila. Mas a chegada da missiva do amigo não abriu os horizontes, e a amizade entre eles, ao contrário, acabou por criar situações conflitivas e flutuações discursivas, obscurecendo zonas de entendimento entre os dois filósofos. O relato exemplifica que a filosofia não é um mero diálogo entre amigos e, nessa esteira de reflexão, Agamben cita Derrida que, no seu livro *Políticas da amizade*, faz uma crítica à visão falocêntrica das relações entre amigos. Para tal intento, o filósofo francês retoma como mote a frase atribuída a Aristóteles, mas considerada, por muitos, apócrifa: “ó, amigos, não há a amigos”. (AGAMBEN, 2009, p. 80)

Segundo Agamben, Derrida, com essa frase, retoma a tradição nietzschiana na maneira de abordar o tema da amizade: ressalta o quanto necessitamos dela e, ao mesmo tempo, demonstra certa suspensão ou hesitação quanto aos amigos; tudo isso como uma estratégia filosófica. Assim, a região da amizade é um espaço de aproximação e distanciamento, região clandestina, trazendo a outridade do sujeito: o outro de si. No caso de Myriam Fraga, como demonstra seu relato sobre sua viagem a Paris em 1989, ano da queda do muro de Berlim, nota-se uma cidade glamourizada, idealizada, mas que acabou não correspondendo ao que a autora sonhava das ruas e fotografias parisienses. A propósito cito um trecho de viagem para ampliar a nossa discussão nesse ensaio:

Confortavelmente instalada no velho Renault de Alice – que Jorge Amado batizara, carinhosamente de Thereza Batista – com o coração aquecido pelo calor da amizade e pelos fogos de um verão europeu que prometia ser intenso, pensei, extasiada:

– Enfim, eis-me chegada a Paris depois de anos de espera!

Naquela tarde de esmaecidos tons cinza-azulados, reconheci um pouco decepcionada que, afinal, não estava sentindo o impacto que imaginava. Como uma velha fidalga, a cidade surpreende os que chegam, como eu, iludidos pelos

excessos de entusiasmo que cercam sua imagem e o rótulo de “cidade da luz”. De repente, transformava-se no que era realmente: mero estereótipo, frase feita que não traduzia o encanto discreto, a digna austeridade da urbe destinada a servir de farol do Ocidente. (MYRIAM, 2013, p. 36)

Aqui já se nota certa teorização sobre o tema da viagem, entrelaçado ao âmbito da amizade. Esta nos leva a zonas de conhecimento e de desconhecimento. Quem aquecia aqueles dias em Paris era a companhia dos amigos Zélia e Jorge Amado, mas havia o espaço de estranhamento da cidade e de si, dentro daquela urbes. A amizade torna a geometria da cidade desejável, possível, tendo acesso à linguagem recriada pela convivência dos amigos: passa-se a amar a Paris não por si mesma, mas pela existência afetiva daqueles amigos e dos encontros vividos naquele local, que fizeram de ruas e praças algo inesquecível, memorável:

Recorto da memória alguns momentos inesquecíveis como a visita a Montmartre, num domingo pela manhã, o céu lindamente azul, o movimento dos artistas, repetindo o mesmo ritual anos a fio. O que mais me encantava, no entanto, era a vitalidade do casal Amado, sua alegria de viver e sua felicidade em partilhar essa alegria com os amigos. (MYRIAM, 2013, p. 40)

Evidentemente, por mais tentativas realizadas, torna-se impossível, mesmo indesejável, definir o que seja a amizade, colocá-la numa cadeia de adjetivos; esse não é o nosso propósito. Mas a questão reside no fato de pensar como esse afeto imanta o corpo do outro de um modo que nem o diviniza, nem o banaliza: nesse caso, deixa-se de ver o amigo como uma entidade caprichosa que nos ultrapassa e pode nos julgar ou amaldiçoar, como também se cria a visão do amigo dentro de certos limites espaciais e temporais em instantes de deslocamento, como em caso de viagens, em que o outro continua a ser aquilo que ele é, e pode ser, enquanto entidade socialmente encarnada, independente da vontade e do desejo de quem compartilha a amizade. Há algo que sempre aproxima, mas separa os amigos: a alteridade. É como se a amizade exigisse de cada ser vivente uma espécie de jogo entre com-sentir e com-dividir, sem negligenciar as diferenças. Essas duas expressões, discutidas por Giorgio Agamben ao reler a *Ética a Nicômaco* de Aristóteles, são úteis quando se vai refletir a relação de Myriam Fraga com Zélia e Jorge Amado.

No caso da viagem de Myriam Fraga a Paris, podemos entender bem o que se chama de com-sentir: não seria apenas a ideia de dividir os mesmos sentimentos, espécie de partilha de afetos comuns, mas também de entender a amizade numa zona de sensibilidade, que requer uma posição do sujeito frente

a aisthesis da existência: um modo de receber e ampliar o campo afetivo inseparável de cada modo de existir. É nessa experiência de com-sentir que também ocorre a com-divisão de espaço, tão claro na fotografia da capa do livro *Memórias da alegria*, já descrita nesse ensaio. Mas há duas outras fotografias, apresentadas nesse livro, importantes para o entendimento da aisthesis no plano da amizade. Durante a leitura das crônicas de viagem, recorta-se uma carta de Zélia para Myriam, datada de 24 de agosto de 1989, enviada de Paris, em que ela faz referência à fotografia de Myriam, flagrada enquanto dormia à mesa de um café em Berna, na Suíça. A fotografia foi tirada por Zélia e teria sido enviada por Jorge Amado em tom de brincadeira. A imagem revelaria não somente o cansaço de Myriam após a caminhada pelas ruas da cidade, mas também criaria o espelho lúdico em que a diretora da Fundação Casa de Jorge Amado se veria de um modo em que jamais poderia ser vista por si mesma, exatamente por estar dormindo: naquele instante quando ocorre a suspensão da imagem de si possível pela experiência do sono, numa entrega livre proporcionada pelo cansaço.

A lente de Zélia flagrou essa imagem de Myriam que ela própria não conheceria de si e nem saberia ter vivido, caso não houvesse o interesse e o gesto da amiga em capturar o instante no qual a outra se encontrava numa dimensão de liberdade e de entrega quanto ao tempo, proporcionada pela viagem e pela companhia dos amigos. Viajar entre amigos é um modo de amar, de partilhar sensações, em que o julgamento fica suspenso e cede lugar ao lúdico, ao riso, ao sonho. Mas o gesto de Zélia não se limitou apenas a essa foto. Junto com essa fotografia de Myriam, enviou uma segunda imagem flagrada de Jorge Amado: ele também teria dormindo enquanto participava como jurado durante uma premiação em Montreux. Acompanhada dessas duas fotografias, dos dois reconhecidos escritores, dormindo em situações inesperadas, Zélia envia um bilhete em que diz: “Também mando, para que Carlos veja, e você também, que dormir é humano”. (MYRIAM, 2013, p. 208)

Nossa análise faz um close no gesto de dormir que aproxima os dois escritores: Jorge Amado e Myriam Fraga. A primeira questão levantada é como o olhar de Zélia se aproxima da lente para capturar a liberdade daqueles corpos e, ao mesmo tempo, construir um fio de comunicação entre eles. Esses sujeitos, cada um com seu mundo, com sua poética, sua história, apresentam-se tão tranquilos que já se pode dizer que alcançaram sua vocação, repousam um ao lado do outro no mesmo trajeto de decifrar enigmas da linguagem, num apelo

da palavra que os aproxima e os distancia, com mares e ruas tão amadas e tão singulares para cada um. A situação de dormir, em um espaço público, não é a mesma de se deixar levar pelo sono na alcova, em casa; mas tudo ocorre como se as fronteiras fossem borradas pelo cansaço dos imperativos da linguagem e dos ditames sociais e, nos corpos, vivesse o desamparo de um instante, sem medo de julgamentos, convidados pelo carinho e pela ternura de Zélia, cujo gesto permite que os corpos adormeçam, numa espécie de desejo que parece querer nada possuir do outro.

O episódio recortado pelas lentes da objetiva traz o olhar vigilante do amigo e, ao mesmo tempo, a visão suspensa, numa espécie de atenção aberta, memória flutuante, capaz de afirmar o acaso da linguagem, dos corpos e de seus devaneios. Um jogo de presença e ausência capturado na imagem dos dois escritores: eles estavam na com-divisão do espaço, mas se encontravam embalados por seus sonhos em outra dimensão do humano: não só no repouso das horas e dos dias, mas na experiência de com-sentir o instante. Ocorre o com-sentimento da existência vivida pelos três personagens escritores, que acabam por traduzir um modo de viver, habitar e articular a vida em sociedade. Zélia assume sua função de amiga em relação à Myriam: permitir que ela seja o que quiser ser, dormir livremente diante de seu olhar, sem medo de ser avaliada; Myriam pode viver o abandono de si naquele instante. O passaporte lúdico, assinado por Zélia, sela a união de Myriam e Jorge, mas também revela a enorme ternura de Zélia por Myriam Fraga. Com sua amizade, Zélia consente que a amiga Myriam Fraga durma naquela mesa em Berna, que ela se sinta livre para entregar-se ao sono, ainda que fugidio e momentâneo.

Mas a carta de Zélia Gattai também faz referência a uma foto dela ao lado do vaso de begônias, dado por Myriam ao casal, como sinal de carinho e gratidão pelos dias vividos em Paris e na casa dos amigos: “De quebra vai o vaso de begônia que suportou heroicamente os 10 dias de nossa ausência, sem pão e sem água”. (MYRIAM, 2013, p. 210.) Mas a fotografia foi tirada não apenas por questões estéticas. Myriam Fraga, antes de voltar para a Bahia, deixou esse signo de sua presença na casa do casal, que acaba se eternizando nas lentes de Zélia, novamente um gesto que revela o jogo de ausência e presença: as begônias falam disso, de como Myriam havia com-dividido aquela casa, aquela cidade, e seus rastros ficaram no vaso de begônias sobre a mesa, que resistiram aos dias e a ausência do casal. Há uma posição de corpo de Zélia ao lado do vaso: ele diz do objeto que acaba suplementando a presença da

amiga Myriam, exatamente por esta se fazer ausente, numa espécie de partilha da mesa dos sonhos e de lembranças do casal. As begônias desenham a fanopéia dos dias compartilhados, fragmento de um instante de amizade, de ternura, de delicadeza diante do mundo e da existência. Mas se o vaso, enquanto signo, não é prova de amor, nem a certeza de nada, há o desenho da fotografia que fala do prazer vivido pelos três amigos, de uma existência consentida e com-dividida pelos laços da literatura e por um modo singular de habitar a vida e a horas.

Mas a amizade também é feita de sonhos e de viagens não realizadas. Myriam Fraga pretendia ir a Marrocos, em agosto de 1991, por ocasião do 14º Festival Cultural d'Azilah, presidido pelo escritor Jorge Amado, que versaria sobre o tema "Mestiçagem cultural: o caso do Brasil". Ela foi convidada a participar pelo próprio Ministro da Cultura, com todas as despesas pagas. Além de tudo isso, todas as comunicações seriam compiladas, posteriormente, em livro, publicado em três línguas: árabe, francês e espanhol. Todo esse momento seria vivido com os amigos Zélia e Jorge, o que tornaria mais uma vez a viagem encantadora e inesquecível. Infelizmente, a ida a Marrocos não aconteceu por motivos familiares – a doença do marido – que impediram Myriam de ausentar-se de Salvador naquele agosto de 1991.

A frustração diante do apelo de Marrocos e de toda a promessa anunciada para essa viagem revelou a Myriam, pelo menos, o seu modo particular de extravasar dores e agonias, mostrou como o escritor é dono de seus sonhos e da linguagem, capaz de transformar o vazio das horas, diante do projeto desfeito, em poesia. Com esse episódio, vemos como a biografia de um determinado sujeito é feita das viagens realizadas, mas também das que não foram possíveis: a escrita carrega o corpo para Marrocos, e a viagem se constrói em outra perspectiva, numa espécie de língua estrangeira, sem memória, uma linguagem habitada apenas por desejo, por uma instância imaginativa em que tudo conta para a escritura. Uma Marrocos sonhada, eternizada em um poema, dedicado a Zélia e a Jorge Amado:

Viagem a Marrocos
Na cara o vento sul
Ou será o simum?
O balançar ondeado
Dos camelos?

Fez, Rabah e Casa Blanca
Terracota sutil de Marrakesh
A cristalina fonte
Em meio à pedra.

Azilah, tuas sílabas
Adejam como aves,
Como asas roçando
Em minha face.

O meu deus é ninguém
Morreu menino e é doce
Como um fruto,
Como as águas de Oxum
Lavando-me as feridas.

Guarda para mim,
Azilah,
Tuas tâmaras mais doces,
Mais secretas...

Uma minarete escreve
Linhas tortas
No canto que se enrola
Pela tarde.

Como um risco de giz
Meu caminho é um círculo,
As caravanas passam...
No regaço, o cão, morto, não ladra. (MYRIAM, 2013, p. 219)

O imaginário de Marrocos avança em versos para que a viagem roce a zona silenciosa do desejo, de um tempo perdido, não vivido nas mesquitas de Fez, ou nas ruas de Rabah e Casablanca, nas fronteiras e no sol daquele país, sempre com uma emoção cortada, impedida de deslocar-se pelo mar e atravessar continentes. Se uma minarete escreve do alto de sua torre, poussa seu olhar por esquinas e objetos vislumbrados pela sua escrita, ouvem-se orações cujo “deus é ninguém”, com um modo de laborar a poesia que inscreve seu corpo no tempo e em Marrocos. Com a linguagem de sua poética, Myriam encontrou outra maneira de se fazer presente em companhia de Zélia e Jorge Amado. Com seu poema, Myriam dizia, silenciosamente, aos amigos (e eu traduzo e imagino seu mudo aceno): eu não fui a Marrocos, mas eu estive em Marrocos, eu estive com vocês, andando por ruas e vielas de Azilah, eu vi camelos cruzando o horizonte e senti o vermelho e o lilás que cobriam o final da tarde. Eu pressenti nossos risos e caminhos atravessando muralhas e ventos. A

voz fraguiana foi ouvida por Zélia e por Jorge Amado que receberam o poema e expressaram a emoção de ler aqueles versos. Em uma breve carta, datada de 27 de novembro de 1991, Jorge Amado relata as impressões sobre os versos da amiga Myriam e, ao final da breve carta, destaca-se um pequeno bilhete escrito por Zélia, à mão, depois da carta datilografada por Jorge Amado:

Teu poema, “Viagem a Marrocos”, é belo, muito belo. Para nós, Zelia e eu, porém, sua beleza é singular pois o tema de Marrocos recorda uma frustração, um espinho. Da frustração, do espinho te livraste, envolta em poesia, os poetas têm esse privilégio. Somente agora, Zélia e eu fizemos a pazes com Azilah: teu poema apagou a tristeza da ausência. Obrigados pela dedicatória, não podia ser senão para nós. Um beijo de teus amigos. Jorge Amado. (Myriam, teu poema me comoveu, quase choro. É bonito demais Um beijo afetuoso. Da Zelia. (p 217)

O livro *Memórias de alegria* é um elogio à amizade, no que ela tem de expansão de força e de linguagem. Talvez, Freud estivesse correto em dizer, em seu livro *Mal-estar da civilização*, que “as satisfações substitutivas, tal qual as oferecidas pela arte, são ilusões, em contraste com a realidade, nem por isso, contudo, se revelam menos eficazes psiquicamente.” (FREUD. 1988. p.83) Talvez o mais importante a se destacar do texto freudiano seja o valor que confere à amizade. Segundo essa abordagem, não podemos fugir do sofrimento, advindo de perdas e do próprio esgotamento físico do corpo, mas, talvez, a amizade seja uma maneira de tornar a vida possível e o sofrimento passível de ser atravessado sem cair na servidão voluntária. Assim, não foi só o poema *Viagem a Marrocos* que libertou Myriam de sua frustração e vazio, mas saber como sua vida é compartilhada por amigos que podem ler seus versos e se emocionarem. Afinal, para que servem os poetas sem os leitores? E para que serve a vida sem amizade? “Enfim, de que nos vale uma vida longa se ela se revela difícil e estéril em alegrias?”, indagava Freud. (FREUD. 1988, p. 95) O livro *Memórias de alegria* responde a essas perguntas e as sintetiza com uma frase de Jorge Amado: “A amizade é o sal da vida” (Myriam, 2013, p. 205).

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, George. O amigo. In: *O que é contemporâneo e outros ensaios*. Trad. Vinicius Ricastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

FRAGA, Myriam. *Memórias de alegria*. Salvador: FCJA, 2013.

_____. *Poesia Reunida*. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2008.

FREUD, Sigmund. *Mal-Estar na civilização*. In: *Obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago Editora. V. XXI. 1988.

ROLLAND, Barthes. *Por Roland Barthes*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Estação Liberdade, 2003

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 22/04/2018.

Aprovado em sistema duplo cego em: 20/05/2018.